

# IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO EM SAÚDE FRENTE À PROMOÇÃO E PREVENÇÃO À SAÚDE DA POPULAÇÃO LGBTQIA+

Márcya Cândida Casimiro de Oliveira<sup>1</sup> André Luís Belmiro Moreira Ramos<sup>1</sup> Isabela Fernandes de Melo Pereira<sup>1</sup> Layza de Souza Chaves Deininger<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Graduando(a) em Medicina, Faculdade de Ciências Médicas da Paraíba (FCM/PB), João Pessoa, Paraíba.

<sup>2</sup> Professora doutora em Modelos de Decisão em Saúde, Faculdade de Ciências Médicas da Paraíba (FCM/PB), João Pessoa, Paraíba.

DOI: 10.47094/IICOLUBRAIS2022/83

**PALAVRAS-CHAVE:** Educar para a saúde. Minorias sociais. Pessoas LGBTQIA+.

**ÁREA TEMÁTICA:** Educação em saúde.

## INTRODUÇÃO

Uma quantidade significativa de pacientes LGBTQIA+ sentem-se inseguros em ambientes de cuidado em saúde diante da comum experiência de não terem suas necessidades atendidas nesse contexto, sendo reportadas algumas barreiras como o preconceito, falta de conhecimento dos profissionais da área e preocupações com a aceitação (BOLDERSTON, 2018).

Dentre as principais limitações no atendimento a esse público, estão: comunicação inapropriada entre profissional e paciente, disponibilidade limitada de serviços específicos para indivíduos transgêneros, falta de treinamento e de protocolos de cuidados, o que demonstra uma lacuna na educação em saúde voltada para essa população (DO; NGUYEN, 2020). Neste sentido, é possível afirmar que essa falta é fonte direta de prejuízo à higidez física e mental de indivíduos desse grupo, diante do desgaste necessário para ter acesso a um direito tão básico.

Além disso, a deficiência de educação em saúde também se reflete na perpetuação da falta de cidadania sexual, em que o indivíduo acaba internalizando a própria sexualidade e, conseqüentemente, se torna mais propício a transtornos psiquiátricos como depressão, ansiedade, transtornos de humor, obesidade, abuso de álcool e drogas e infecções sexualmente transmissíveis. Quando afeta indivíduos mais jovens, a situação é ainda mais delicada, pois o medo de procurar assistência médica é ainda maior, bem como o risco de abandono familiar (ALBUQUERQUE et al, 2019).

Desse modo, o presente estudo tem como objetivo descrever a importância da educação em saúde frente à promoção e prevenção à saúde da população LGBTQIA+ descritos pela literatura científica.

## METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de revisão da literatura científica, de análise descritiva, qualitativa, com abordagem direta e observacional, realizada por meio do método de Pesquisa Baseada em Evidências,

tendo como objetivo a reunião e sumarização de informações acerca da temática proposta através de pesquisas anteriores de forma ordenada, com o intuito de aprofundar o conhecimento.

A coleta dos artigos foi realizada durante o mês de outubro de 2022, através do levantamento bibliográfico nas bases de dados e bibliotecas eletrônicas: USA National Library of Medicine (PubMed), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Scientific Electronic Library Online (SciELO) e LILACS (Literatura Latino-Americana em Ciências de Saúde). Como estratégias de investigação, foram utilizados descritores na seguinte combinação: educação em saúde AND minorias sociais AND pessoas LGBTQIA+ AND atenção à saúde.

Quanto aos critérios de inclusão, foram selecionados artigos completos disponíveis eletronicamente nos idiomas português e inglês, publicados nos últimos cinco anos. Excluíram-se artigos duplicados, trabalhos de conclusão de curso, dissertações, teses e recursos não científicos. Foram selecionados 14 estudos para compor a amostra final desta pesquisa.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Observou-se que a população LGBTQIA+ enfrenta, além de toda a discriminação e violência, piores condições de saúde em relação às demais pessoas, o que acarreta no distanciamento dos serviços de saúde, contribuindo para os índices de morte prematura e por causas evitáveis. Com isso, mulheres lésbicas buscam menos serviços de atenção à mulher quando comparadas a mulheres heterossexuais e, como consequência disso, tendem a realizar menos exames preventivos do câncer de colo de útero (COSTA-VAL et al., 2022), fato que representa um significativo problema de saúde pública. Logo, é preciso investir na educação em saúde com ênfase nas atividades de prevenção e promoção, a fim de modificar tal cenário problemático.

Em se tratando de travestis e transexuais, a situação é mais crítica, tendo em vista os altos índices de mortalidade, configurando o Brasil como o país que mais mata esse público. De forma geral, a expectativa de vida dessas pessoas é de 35 anos, valor que é bem inferior do que população geral, o que configura como dado preocupante (BENEVIDES; NOGUEIRA, 2020).

É preciso minimizar as barreiras que prejudicam o acesso aos serviços de saúde, incluindo aspectos da falta de preparo dos profissionais que precisam ser superados, especialmente no que tange à captação desse público, tendo em vista que os avanços em relação ao acesso à saúde nem sempre são considerados suficientes para prestar assistência necessária (BEZERRA et al., 2019; COSTA-VAL et al., 2022).

Nesse sentido, a atenção primária à saúde funciona como o primeiro contato do usuário com os profissionais de saúde. Portanto, cabe a esses profissionais articularem o cuidado universal, integral e contínuo desse público sem discriminação, o que melhoraria os índices de saúde (BEZERRA et al., 2019; PAULINO et al., 2019).

Assim, a educação em saúde tem papel primordial no combate dos diversos tipos de violências sofridas, além de possibilitar melhor assistência à saúde do público LGBTIA+. Contudo, há trabalho a ser feito diante o preparo dos profissionais para aprimorar a experiência de seus pacientes nos serviços de saúde. Mudanças positivas na educação e um ambiente clínico mais inclusivo irão, desse modo, melhorar a captação nos serviços de saúde (BOLDERSTON et al., 2018).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, verificou-se que as condições de saúde da população LGBTQIA+, principalmente dos transexuais, estão em um patamar inferior em comparação com o restante da população. Parte do problema está na falta de acessibilidade desse público aos serviços de saúde em decorrência do estigma e preconceito. Dessa forma, a abordagem dos profissionais de saúde frente à propulsão LGBTQIA+ precisa ser repensada em relação à forma como este público deve ser acolhido e captado, sendo a educação em saúde ferramenta importante neste processo de cuidado e assistência.

## PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE M.R.T.C., BOTELHO, N.M., RODRIGUES, C.C.P. Atenção integral à saúde da população LGBT: Experiência de educação em saúde com agentes comunitários na atenção básica. **Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 41, p. 1758, 2019.

BENEVIDES, B. G.; NOGUEIRA, S. N. B. (Orgs.). **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2019**. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2020.

BEZERRA, M. V. R. et al Política de saúde LGBT e sua invisibilidade nas publicações em saúde coletiva. **Saúde debate**, Rio de Janeiro, v. 43, n. 8, p. 305-323, 2019.

BOLDERSTON, A. et al. The Education and Practice Environment for Medical Radiation Science Professionals Caring for Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender Patients: An Analysis of a #MedRadJClub Tweet Chat. **Journal of medical imaging and radiation sciences**, v. 49, n. 4, P428-435, 2018.

COSTA-VAL, A. O cuidado da população LGBT na perspectiva de profissionais da Atenção Primária à Saúde. **Physis**, v. 32, n. 2, 2022.

DO, T. T.; NGUYEN, A. T. V. ‘They know better than we doctors do’: providers’ preparedness for transgender healthcare in Vietnam. **Health Sociology Review**, v. 29, n. 1, p. 92-107, 2020.

PAULINO, D. B.; RASERA, E. F.; TEIXEIRA, F. B. Discursos sobre o cuidado em saúde de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais (LGBT) entre médicas (os) da Estratégia Saúde da Família. **Interface**, Botucatu, v. 23, e 180279, 2019.